

**AS CONDIÇÕES DA
EXISTÊNCIA NA
BAHIA NO SÉCULO
XVI**

CAPÍTULO 1



Anotações

A large, empty rectangular area with rounded corners, intended for taking notes. It has a light gray border and a subtle drop shadow, giving it a three-dimensional appearance as if it's a card or a page floating on the background.

CAPÍTULO 1

AS CONDIÇÕES DA EXISTÊNCIA NA BAHIA NO SÉCULO XVI

Aula 1 - Como entender a Bahia: o contexto aqui existente

Objetivo:

Compreender o contexto ambiental e humano, pré-existente à chegada dos europeus, na Bahia anterior ao século XVI.

1.1 O CONTEXTO AMBIENTAL: A BAHIA E SUA NATUREZA.

Para entender a Bahia temos que compreender a terra, as águas e as condições do viver nesta região, assim como as características de cultura e prática social das populações que em conjunto com o ambiente construíram o que hoje se chama Bahia.

Em relação ao ambiente físico, se por um lado o estado detém o maior litoral oceânico do Brasil, com 932 quilômetros de extensão, por outro é o estado que tem maior extensão semiárida e de secas, com aproximadamente 260.000 km² de extensão.

O estado é dominado pelo extenso litoral, sua umidade e florestas, e pelo interior seco e semidesértico. Alguns rios mais importantes dominam a paisagem e historicamente permitem seguir para o interior com menos dificuldades. Além do Rio São Francisco – que de fato reúne Sergipe, Alagoas, Bahia, Goiás e Minas Gerais em sua grande bacia quase toda navegável – são também rios importantes o Vaza-barris, o Itapicuru, o Jacuípe, o Paraguaçu, Rio de Contas, o Parto e o Jequitinhonha. O primeiro não é perene, está bem no meio da região mais seca ao norte. Os dois últimos reúnem Bahia e Minas Gerais. Localizar os rios baianos faz parte do trabalho mais importante para conhecer o estado.

Parte destes rios tem suas nascentes na Chapada Diamantina, região de elevações rochosas no centro da

Bahia. Mais ao sul, a Serra do Espinhaço também tem algumas elevações mais importantes. A Bahia não é terra de grandes montanhas, a maior elevação é o Pico Barrado: 2033,30 metros.

O extenso litoral é bastante chuvoso e úmido, com vegetação de floresta tropical densa, conhecida como Mata Atlântica. O Oeste exibe as regiões mais elevadas do centro do estado, e uma faixa mais interiorana da faixa costeira, apresentam clima chuvoso com estação seca. Existe também uma maior parte de zonas semiáridas de pouquíssima umidade que sofrem com secas regulares que tanto marcaram a história baiana. A Caatinga, vegetação rasteira, espinhosa e própria dos climas secos, domina cerca de metade do território da Bahia, especialmente no centro deste. No litoral temos as florestas tropicais densas e úmidas que vão se tornando estepes na medida da interiorização e da chegada ao chamado sertão, à vasta área de agreste, região de fronteira com o semiárido, intervalo entre o litoral úmido e o interior semidesértico. Há bolsões de áreas úmidas, aqui e ali, dentro da zona da seca, exceções que confirmam o semideserto. (BAHIA, 2010)

Este é o território que os portugueses descobrem e colonizam desde 1500, onde encontram povos indígenas que tinham suas vidas reguladas por estes ambientes e contextos ecológicos.

RELEVO Estado da Bahia - 2007



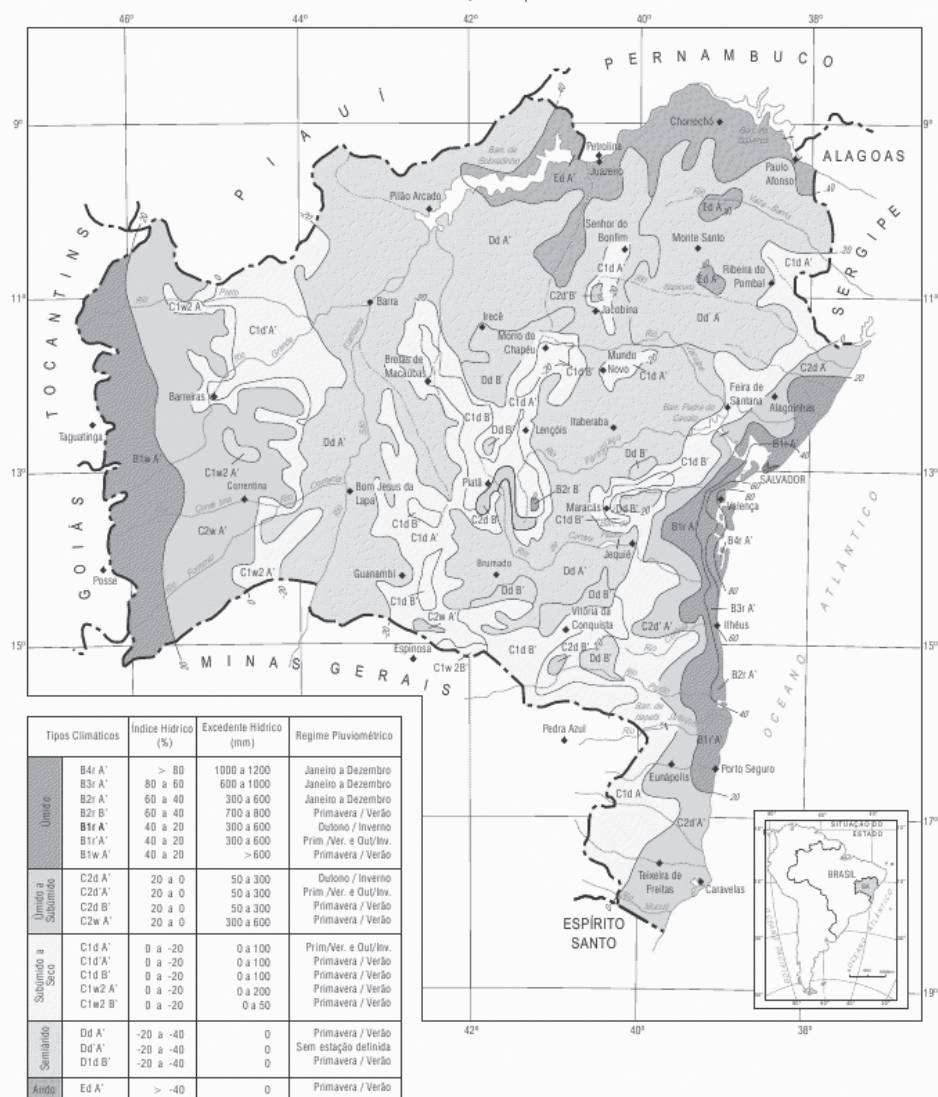
Imagem 1 – Relevo: Estado da Bahia – 2007.

Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/cartogramas/pdf/carto_relevo.pdf

Acesso em: 25 de julho de 2011.

TIPOLOGIA CLIMÁTICA - Segundo Thornthwaite Estado da Bahia - 2007

Pluviometria 1943 - 1983 / Temperatura 1961 - 1990



FONTE: SEI, 1998.

65 0 65 130 185km
ESCALA 1: 6.500.000



Imagem 2 – Tipologia climática – 2007.

Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/cartogramas/pdf/carto_tip_clim.pdf

Acesso em: 25 de julho de 2011.

1.2 O MOSAICO DE DONOS DA TERRA: POVOS INDÍGENAS BAIANOS.

Aqui vamos investigar as características de cultura e prática social das populações que em conjunto com o ambiente eram o contexto já existente do que chamamos hoje de Bahia. (BAHIA, 2000)

Inicialmente, os índios americanos foram mal-entendidos pelos europeus. Eles se perguntavam se aquelas terras eram africanas, ou se haviam chegado às Índias ou Ásia. Parecia não ser africanos. Acabaram sendo chamados e identificados como índios, denominação que ficou até os dias de hoje, mesmo que se confirmasse depois não se tratar da Ásia.

A chegada destes povos é pré-histórica. A hipótese mais aceita é que o ser humano tenha adentrado à América via estreito de Bering, na América do Norte, dentre 50.000 e 5.000 anos atrás, em levas autônomas. Do Alasca foram se dispersando pelo continente, chegando ao Brasil ao pelo menos 15.000 anos.

No período do descobrimento o território baiano era ocupado por povos Tupis: Tupinambás, mais ao norte; Tupiniquins ao sul do rio de Contas, mais localizados no litoral; e por povos de língua Jê, os Tapuias. Os Tapuias habitavam o sertão, a maior parte do interior semiárido, o cerrado e alguns pontos mais próximos do litoral, entre Ilhéus e Espírito Santo. Estes Tapuias mais próximos eram os Aimorés.

De fato, na época dos descobrimentos os Tapuias estavam sendo expulsos do litoral e cedendo espaço aos agressivos Tupinambás e Tupiniquins. Mas eram inimigos formidáveis, tidos como fantásticos guerreiros, principalmente em seu território, sempre por eles muito bem conhecidos. Estes povos viviam somente da caça e coleta e moravam em choupanas toscas. Eram frequentemente capturados e devorados em rituais pelos Tupis, em guerras. É relevante saber que Tapuia significa “homem escravo” em língua Tupi. Os tapuias eram caçadores e coletores, não conhecendo a agricultura, e, portanto nômades, morando em choupanas toscas e em pequenos grupos. Em suas guerras aos Tupis também realizavam capturas e antropofagia, mas não a escravidão. Embora habitassem extensas regiões, com exceção da toponímia¹, pouco deixaram como herança

¹ Nomes dos lugares e acidentes geográficos ou de rios. Também nomes de animais e plantas.

direta nos elementos da cultura baiana, exceto talvez, o hábito de dormir em redes, que, aliás, era também tupi. Sua forma de viver nômade os transformava em arredios, e fortes resistências aos povos sedentários, como os tupis, mas também contra o colonizador. O Tapuia foi a verdadeira resistência ao colono. Quanto aos Tupis, haviam desenvolvido a agricultura e em consequência hábitos sedentários e uma vida mais elaborada, rica de tradições, artesanatos, cultura e arte. O sedentarismo possibilita a existência de mais tempo livre, próprio para o desenvolvimento de técnicas e elaborações que o nomadismo não pode realizar. Eram também belicosos, e pouco a pouco, como o sedentarismo permitia que existissem em comunidades mais populosas que os Tapuias, os estavam expulsando.

Sua agricultura produzia mandioca, milho, amendoim, dentre outros produtos e era voltada para a subsistência. Também caçavam, coletavam mariscos, produziam cerâmica, instrumentos de couro e palha. Sedentários, estabeleceram logo laços com os europeus e graças a isso legaram muitos elementos à cultura baiana atual. Eram também bons construtores. As primeiras cidades e vilas baianas devem muito as suas técnicas e formas de habitar, para que tomassem suas primeiras feições.



Imagem 3 – Tupinambá

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Homen_Tupinamba.jpg
Acesso em 25/07/011.

As sociedades Tupis eram mais complexas que as Tapuias. As duas guardavam em comum serem sociedades sem classes sociais. Não havia qualquer estrutura social de classe, o que implicava na ausência de dominação, hegemonia ou exploração social sistemática de certos setores sociais sobre outros. Os índios viviam em uma sociedade que poderíamos chamar de comunitárias, sociedades sem classes e sem injustiça social. Cada grupo, clã ou aldeia, era de fato uma sociedade autônoma e completa, tanto que não havia nenhuma entidade institucional que reunisse as várias aldeias. Cada grupo era autônomo e potencialmente rival ou associado ao outro, a depender de cada situação. É reflexão importante analisar o porquê da predominância dos sedentários sobre os nômades, que iam perdendo espaço. É claro que não se trata de simples vitória militar. Os tapuias eram grandes lutadores como reconheceram os europeus. Claro que não há superioridade étnica ou racial. Mas os Tupis não paravam de avançar sobre território Tapuia. O entendimento desta questão passa pela compreensão do conceito de **Modo de Reprodução Social**. Simplificando, podemos considerar que o modo de reprodução dos Tupis era mais eficiente, pois conseguia sustentar mais seres humanos em sua coletividade. A pressão de ter comunidades com mais gente, a capacidade de sustentar maior número de pessoas, em longo prazo representava uma vantagem da vida tipo tupi, que aos poucos ganhava espaço na Bahia.

Os índios não tinham nenhuma ideia sobre nação ou governo geral, nenhuma prática social que se assemelhasse ao que chamamos de “estado”. Sendo assim, quando da chegada dos europeus, não perceberam de imediato e nem concebiam a colonização como uma invasão. Nem mesmo se preocupavam com as disputas entre os europeus, ou como as entre franceses e portugueses. (FAUSTO, 2000)

Entre os indígenas havia rivalidades. A maior era a disputa histórica por território entre Tapuias e Tupis. Mas existiam as disputas dentro dos grupos. Cada clã Tapuia era rival dos outros seus semelhantes. As aldeias Tupinambás eram também rivais entre si, e das Tupiniquins. Tudo funcionava mais ou menos como se cada clã Tapuia ou aldeia Tupi fosse um “país independente”. Os europeus aderiram a estas guerras locais, até porque ao se aproximarem de um grupo ou aldeia estavam ao mesmo tempo se colocando contra seus rivais. Os portugueses narravam as guerras entre as aldeias Tupinambás de maneira que se identificavam como pertencentes a um dos lados. (BUENO, 1998)

Dentre os índios existiam cativos, mas não verdadeiros escravos. Prisioneiros eram feitos cativos e permaneciam sobre controle de seus captores, em geral até serem devorados, embora pudessem também morrer de velhos nessa condição. Não havia a exploração de seu trabalho, não havia apropriação de mais valia de suas atividades pelos “senhores”.

Modo de Reprodução da Existência: maneira pela qual uma sociedade, uma coletividade, reproduz sua existência; seus bens, seus serviços, suas práticas sociais, suas relações, sua estrutura organizacional, cultura e hábitos etc. As sociedades têm formas de reproduzir-se em meio às condições objetivas. O modo de reprodução de uma sociedade é dado por suas forças reprodutivas e pelas relações de produção da existência. É um conceito ecológico. Toda sociedade humana estabelece relações sócio-metabólicas com suas condições existenciais. A depender destas relações, a sociedade será capaz de reproduzir e sustentar mais ou menos indivíduos. Isso dá uma ideia de eficácia da sociedade – sua capacidade de reproduzir e sustentar mais ou menos sujeitos. Uma sociedade jamais será superior, ou melhor, que outra em nenhum aspecto, exceto em sua capacidade objetiva de reprodução sócio-metabólica. O confronto entre sócios-metabolismos, entre modos de reprodução, pode revelar a eficiência de uma forma social ante sua necessidade de reproduzir-se. (MESZAROS, 2002)

Referências

BAHIA, Secretaria da Educação da. **As terras do Brasil e o mundo dos descobrimentos**. Salvador: Boanova, 2000.

BAHIA, Secretaria do Planejamento da. **Informações Geográficas**. Salvador: SEI. Disponível na URL: <http://www.sei.ba.gov.br/>, versão 30/01/2010, capturado em versão 30/01/2010.

BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degradados, as primeiras expedições ao Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

FAUSTO, Carlos. **Os Índios antes do Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MESZAROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.



INDICAÇÃO DE LEITURA

Sobre o ambiente – clima, relevo, ecossistemas, e outras informações relativas à Bahia e suas características físicas visite: <http://www.sei.ba.gov.br/>

Trata-se da Página WEB, da **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI**, com muitas informações e textos sobre o assunto.



INDICAÇÃO DE LEITURA

Sobre os índios da Bahia na época dos descobrimentos, assim como sobre suas relações com o colonizador europeu, ler os livros de Eduardo Bueno, *Náufragos, traficantes e degredados*, as primeiras expedições ao Brasil e *Capitães do Brasil*, a saga dos primeiros colonizadores, especialmente, as informações sobre as regiões, mais tarde capitânicas da Bahia, de Ilhéus e de Porto Seguro.

Outras leituras importantes são:

TAVERES, Luís. *História da Bahia*. Salvador, Edufba/UNESP, 2001.

e

BAHIA, Secretaria da Educação da. *As terras do Brasil e o mundo dos descobrimentos*. Salvador: Boanova, 2000.

Aula 2 - Como entender a Bahia: entrelaçamento de contextos

Objetivo:

Compreender o contexto histórico da Europa e África, que migraram para a Bahia com a colonização a partir do século XV.

1.3 ENTRELÇAÇÃO DE CONTEXTO: AS ORIGENS IBÉRICAS.

Habitada pelos Tupinambás e Tapuias desde há muito tempo, oferecendo suas matas do litoral, cerrado e caatinga no interior - isso em meio a uma malha de rios perenes, temporários, serras e chapadas - era esta Bahia que, no final do século XV, integra-se à sociedade humana mundializada que começava a se formar, como fruto da expansão marítima europeia. (BAHIA, 2000)

O Brasil foi formalmente descoberto com a vista do Monte Pascoal, sul da Bahia, em 21 de abril de 1500, pelo navegador português Pedro Álvares Cabral. O termo “descoberto” parece desmerecer o índio, habitante milenar destas terras. Por outro lado, dá ao europeu a condição de protagonista principal do processo de integração então nascente, que embora provocado pelo europeu, acabou por ser resultado do conjunto de populações e práxis que se reuniu na América. Há ainda a informação de que navegadores espanhóis haviam chegado ao Brasil antes de Cabral, mas como se tratava de terra portuguesa, demarcada pelo Tratado de Tordesilhas, esconderam a visita.

Quanto aos europeus, em particular os portugueses, é necessário que os examinemos proximamente. A Península Ibérica é uma esquina histórica milenar entre Europa e África. Gibraltar é estreito muito curto, o que significou que ao longo de milhares de anos, a emigração e troca de população constante, a ponto de o não poder se afirmar que a população ibérica seja de fato europeia. (MATOSO, 1997)

A miscigenação e composição da população da península tiveram diversas origens, desde os mais remotos tempos pré-históricos. É do início do período histórico que temos um registro importante da miscigenação da região. É que as primeiras cidades ibéricas, Cadiz ou Cartagena, no sul da atual Espanha, ou Lisboa, Santarém e Faro em Portugal, são todas de origem africana. Foram os cartagineses da atual Tunísia, colônia dos Fenícios, basicamente de etnia tuaregue ou moura, negros do norte da África, que fundaram todas estas cidades, algumas delas postas sobre, ou interagindo com Castros ibéricos pré-históricos. Lisboa, originalmente Olisipo, nome cartaginês, foi fundada por mercadores africanos cartagineses, por volta de 1000 anos antes de Cristo. É certo que cidades como Segunto ou Barcelona, mais ao norte,

200 anos em média mais novas, tinham origem grega, e que Huelva e Sevilha foram fundadas por populações locais. Mas isso só reforça o caráter mestiço da Ibéria.

Por volta de 300 a.C. a região se encontrava dividida. Ao norte a influência celta, indo-europeus e celtiberos, mestiços mais antigos. O litoral sul dominado pelos africanos cartagineses, e o litoral mais a norte por gregos. Os povos do sul eram os dominantes e de ordem social mais dinâmica. Foram pelo menos 1000 anos de predominância africana até que por volta de 200 a.C. as guerras púnicas dessem uma vitória significativa aos Romanos, que defendiam as colônias gregas da Ibéria. A vitória Romana, além de trazer uma leva importante de novos imigrantes indo-europeus, marcou pela latinização profunda toda a região.

Foram 800 a 700 anos de hegemonia Romana que resultaram na profunda latinização da região. A vitória Romana se deu sobre os africanos. Isso significou, desde aquele momento, que os Romanos passaram a utilizar o argumento da cor da pele como elemento de distinção entre a nova e a velha hegemonia. Dos romanos, além da língua, de diversos hábitos alimentares, festas, religião, dentre as quais o cristianismo, a península herdou suas principais instituições: a estrutura urbana, a ideia de câmara e de prefeito, a cidadania, a representação por voto, as municipalidades. É impressionante como até hoje as estruturas organizacionais e instituições do Brasil são tão romanas. Isso por herança portuguesa.

O final do Império Romano foi marcado pelo ingresso de populações germânicas, e em seguida por outra invasão africana, desta vez de islâmicos que também passaram a dominar a Ibéria por outros 5 a 7 séculos. Senhores africanos Mouros e negros; escravos cristãos e brancos na Europa e levados para a África. A inversão do prestígio étnico em favor dos africanos, mais uma vez se estabelecia.

A expansão marítima portuguesa que resultou na descoberta do Brasil deve ser entendida no contexto de longa reconquista das populações cristãs, que desde 711, quando do início da invasão islâmica, travou lenta e disputada luta pelo domínio da península e do prestígio ante sua população.

A história da península tem sido então, uma história de disputas entre populações de origem europeia e africana, e o resultado não poderia ser outro senão uma parte mestiça e culturalmente riquíssima da Europa – Portugal e Espanha.

A luta e finalmente vitória cristã, se deu em meio à disputa por influência senhorial entre os condes e barões cristãos e sultões ou califas islâmicos. Em termos de cultura, a luta resultou na atual cultura mestiça peninsular, que acabou por ser a influência europeia que o Brasil recebeu. Historicamente, os portugueses permaneciam essencialmente guerreiros cristãos, combatendo os infiéis islâmicos, ainda no século XV ou XVI. Vários séculos de luta por expansão dos senhores cristãos acabaram por transformar estes povos em excelentes guerreiros, gestores de conquistas e opressores poderosos. A escravidão era comum, até porque os portugueses eram também escravizados pelos africanos islamizados e seus piratas.

Em termos de estrutura social, Portugal e Espanha eram regiões dominadas por uma sociedade senhorial de base comercial e com urbanização milenar. Afinal Lisboa, Sevilha, Cadiz e outras, já eram cidades com 2500 anos, ou mais, no século XV. Esta ordem socio-metabólica funciona com a propriedade das condições necessárias para a reprodução da existência social, na mão dos senhores, que se constituem em classe dominante das relações sociais. Na Ibéria, a disputa pelo prestígio e reconhecimento desta propriedade de recursos estava exatamente depositada sobre a disputa de prestígio popular entre o cristianismo e o islamismo. As classes mais baixas necessitam validar com sua crença e participação o prestígio e poder dos senhores de cada reduto. Esta disputa saiu da Europa e ganhou a África e a América, na medida da expansão das nações ibéricas para além-mar.

A expansão ibérica já é prova da eficiência do modo de reprodução social daquela sociedade no século XV. De fato, a sociedade senhorial, urbana e comercial da península tinha a capacidade de reproduzir maior número de sujeitos e sustentar uma maior população que qualquer outra daquele momento. Isso os transformou não só em conquistadores, descendentes daqueles que reconquistavam a Ibéria, mas também colonos eficazes, capazes de atrair para o seu modo de vida grandes quantidades de população, mesmo que muitas vezes utilizando da opressão e força. A força somente não é capaz de explicar a expansão do modo de vida ibérico. A história está plena de exemplos de invasores poderosos que acabaram vivendo conforme os invadidos. Foi assim com os poderosos Hunos. E mesmo em Portugal, os Germânicos, conquistadores dos romanos, acabaram vivendo como eles.

É o modo de reprodução mais eficiente e capaz de sustentar mais sujeitos que acaba por determinar a predominância de um modo de vida sobre o outro.

É necessário dizer que no seguimento da reconquista cristã da Península Ibérica os Portugueses se tornaram excelentes navegadores e comerciantes. Iniciaram a navegação atlântica da África, até porque estavam ali continuando o combate aos Islâmicos, antigos inimigos, mas também para prosseguir este combate cristianizando populações locais e assim avançando ainda mais sobre o islã. A expansão era acompanhada sempre pela exploração comercial, que se desenvolvia em meio à formação do mercado capitalista europeu, e pela colonização e ampliação do poder dos estados que começaram a se formar, a partir de governos monárquicos. (TAVARES, 2001)

No século XV, a sociedade herdeira de toda essa dinâmica étnica e cultural, resultado das misturas do oriente, ocidente e África, chamada Portugal, estava em expansão. As famílias importantes dos senhores geriam seus redutos de poder e existência, mantendo a clientela e dependência das populações, na medida em que eram prestigiadas e sustentadas por elas, que as reconheciam como representantes e proprietárias dos recursos produtivos. As cidades comerciais estavam a crescer, principalmente Lisboa e Porto, centralizando o comércio do excedente das produções dos redutos do país, mas também servindo de centro articulador de produtos, de cultura, de vida, entre Portugal, Espanha, Mediterrâneo, costa da África, Oriente Médio e Atlântico Norte. Portugal desenvolvia tecnologia náutica, e somava conhecimento de gestão e de estratégia guerreira, na direção da expansão de seu estado monárquico.



Imagem 4 – Lisboa final da idade média.

BRAUN & HOGENBERG. *Civitas Orbis Terrarum*. Colônia: 1572.

A expansão levou da África ao extremo oriente, e depois ao Brasil, servindo para mundializar a humanidade, e, particularmente, para lançar as bases de um conjunto de povos de expressão portuguesa que hoje existe no mundo.

1.4 ENTRELAÇAMENTO DE CONTEXTO: CONVIDADOS À FORÇA E RAÍZES AFRICANAS.

Há uma continuidade histórica e geográfica entre o Magreb, norte da África, e a Península Ibérica, sul da Europa. De fato a continuidade e vizinhança fazem dos dois vizinhos partícipes frequentes, talvez até inseparáveis, dos mesmos contextos e tramas da história. A África pertence à história portuguesa, até mesmo por serem de origem africana muitas das cidades do país, incluindo Lisboa. Por pelo menos duas vezes, a Ibéria teve senhores e classes hegemônicas de origem africana no poder, as duas vezes com permanência de pelo menos 600 anos. Tuaregues, Mouros, Berberes e outros são os “morenos” que vieram se mesclaram e dominaram a península em vários momentos. O contrário era verdadeiro. A península visitava e participava de conflitos e processos africanos muito frequentemente. (SILVA, 2002)

A escravidão, a captura de seres humanos para que servissem em trabalhos forçados, separando-os de suas famílias e formas de vida, foi fruto de muitos anos de interação, e a princípio ocorria tanto na direção norte-sul como na sul-norte. Ou seja, os hispânicos também eram muito escravizados na África do Magreb. É inclusive comemorado em Portugal, até hoje, a data da libertação dos escravos brancos no Marrocos. O início do período colonial brasileiro coincide com a expansão da Europa e das práticas de captura de cativos e escravidão dos africanos.

Os descobrimentos portugueses tinham também um caráter de continuação da reconquista contra o Islã, assim como de fortalecimento do cristianismo contra os tradicionais rivais maometanos. A escravidão usou, ao menos a princípio, o argumento da Guerra Santa. Os primeiros escravos eram na maioria capturados entre os negros islâmicos do Magreb e da região sudanesa. Os negros da Guiné, do Senegal, da Mauritânia. O tráfico, novidade da escravidão moderna, que transformava o

Referências

BAHIA, Secretaria da Educação da. **As terras do Brasil e o mundo dos descobrimentos**. Salvador: Boanova, 2000.

MATTOSO, José. **História de Portugal**. Lisboa: Estampa, 1997.

SILVA, Alberto. **A enxada e a lança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. **A manilha e o lumambo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

TAVERES, Luís. **História da Bahia**. Salvador: Edufba/UNESP, 2001.



SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Na localidade baiana onde esteja o leitor, sugerimos que este investigue quais grupamentos indígenas existiam originalmente nesta localidade ou arredores, assim como de que forma estes índios foram interagindo com a chegada da colonização e dos novos ocupantes.

Completando o pensamento sobre a origem da comunidade onde vive, procure registros sobre os colonos portugueses e africanos, possíveis comunidades quilombolas, registros dos grupos que foram chegando ao território em que habita. Reveja nomes de pioneiros, de lugares, bairros e ruas, procure saber de onde, de que regiões da África vinham os africanos. A ideia é ampliar a consciência das origens de sua região.



INDICAÇÃO DE LEITURA

Sobre a Península Ibérica e sua história antes da descoberta do Brasil, leia o excelente livro de José Mattoso, muito didático e detalhado, *História de Portugal*. Outras leituras importantes são: TAVERES, Luís. *História da Bahia*. Salvador, EDUFBA/UNESP, 2001 e BAHIA, Secretaria da Educação da. *As terras do Brasil e o mundo dos descobrimentos*. Salvador: Boanova, 2000.

Há também um bom resumo na página da UFPE: <http://www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/hist.html>. Também visite a página: http://www.libanoshow.com/home/cultura_arabe/iberica.htm sobre os muçulmanos na península.

Sobre a África recomendamos uma visita a 3 páginas da WEB:

<http://www.suapesquisa.com/afric/>

<http://www.tg3.com.br/africa/>

<http://www.yorubana.com.br/historiaafrica.asp>